



#19

Da arqueologia preventiva ao conhecimento da ocupação islâmica de Setúbal

Susana Duarte | Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Associação de Municípios da Região de Setúbal | cea.maeds@amrs.pt

Carlos Tavares da Silva | Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Associação de Municípios da Região de Setúbal; Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) | ctavaressilva@gmail.com

Joaquina Soares | Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Associação de Municípios da Região de Setúbal; Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) | joaquinasoares1@gmail.com

Resumo: As intervenções arqueológicas realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), no âmbito do projecto de investigação sobre as *Preexistências de Setúbal* (projecto baseado em acções de arqueologia preventiva), têm revelado uma ampla diacronia da ocupação humana deste território. Permitiram recuar as origens de Setúbal a um momento tardio do Bronze Final, fase de interacção das comunidades indígenas da foz do Sado com mercadores fenícios do Ocidente.

Do Período Romano, deram a conhecer o principal núcleo urbano de *Caetobriga* — cidade polinucleada dedicada à exploração e transformação de recursos piscícolas: salgas e molhos de peixe destinados a exportação para os principais centros de consumo do Império, nomeadamente Roma.

A partir do século IV aquela cidade romana entra em profunda crise, seguindo-se uma fase de desurbanização, com ténues vestígios no registo arqueológico. A ocupação humana da foz do Sado retrai-se extraordinariamente durante a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Só muito recentemente se identificaram as primeiras estruturas de habitat e necrópole islâmicas, entre a Praça de Bocage, na margem esquerda da Ribeira do Livramento e a colina de Santa Maria. No presente texto procede-se a breve síntese sobre a ocupação islâmica da área urbana de Setúbal.

Palavras-chave: Centro histórico de Setúbal; arqueologia urbana; testemunhos medievais islâmicos.

Résumé: Les interventions archéologiques développées par le Musée d'Archéologie et d'Ethnographie du District de Setúbal (MAEDS), au cours du projet de recherche sur les *Préexistences de Setúbal*, ont révélé une large diachronie, en permettant de remonter les origines de Setúbal à la fin de l'Âge du Bronze, à un moment d'interaction entre des communautés indigènes et des marchands Phéniciens de l'Occident (Gadès).

Après une phase d'apogée, dans laquelle s'installe dans l'embouchure du Sado la cité de *Caetobriga*, au Bas Empire une profonde et longue crise jusqu'à la fin du XIII^e siècle.

Les quelques vestiges de la période médiéval islamique, identifiés au centre historique de Setúbal (Praça de Bocage et colline de Santa Maria), sont l'objet d'une brève synthèse présentée dans cet article.

Mots-clés: Centre historique de Setúbal; archéologie urbaine ; vestiges médiévaux islamiques.

1. Enquadramento

O projecto de investigação *Preexistências de Setúbal*, desenvolvido pelo MAEDS no âmbito de intervenções de arqueologia preventiva, tem revelado informação crucial para o conhecimento da evolução da ocupação humana desta cidade, permitindo remontar as suas origens a momento tardio do Bronze Final (Soares e Tavares da Silva, 2018a).

Os trabalhos realizados mostraram que a partir da Idade do Bronze se formou uma restinga arenosa (em resultado do encontro das correntes de vazante do Sado e da Ribeira do Livramento), a qual, ancorada na base da colina de Santa Maria, atingia, no Período Islâmico, o lado ocidental da Praça de Bocage, na margem esquerda da foz da Ribeira do Livramento (Soares e Tavares da Silva, 2018b).

Na colina de Santa Maria, a mais antiga ocupação humana, foi identificada na Travessa dos Apóstolos em estrato correspondente à fase de interacção das comunidades indígenas da foz do Sado, do Bronze Final, com os mercadores fenícios do Ocidente (Soares e Tavares da Silva, 1986).

A Setúbal romana, *Caetobriga*, caracteriza-se por ser uma cidade polinucleada, correspondendo o seu principal núcleo ao território da actual cidade: na colina de Santa Maria localizava-se a área residencial mais qualificada e, na restinga, o sector fabril especializado na produção de preparados piscícolas (Tavares da Silva e Coelho-Soares, 1980-1981; Soares e Tavares da Silva, 2018a).

Durante o Período Islâmico, a região do Baixo Sado seria controlada pelas fortificações de Alcácer do Sal e Palmela (Carvalho, Faria e Ferreira, 2004; Fernandes, 2001; 2005). Setúbal seria um modesto aglomerado populacional de feição marítima, constituído por habitações construídas em materiais perecíveis e cais palafíticos, em que o principal núcleo se situaria na base da encosta meridional da colina de Santa Maria (Rua António Joaquim Granjo – Casa dos Mosaicos, Rua Vasco Soveral, Av. Luisa Todi, 170-178), onde têm sido escavados silos domésticos. Na vertente setentrional da mesma colina, localizou-se a necrópole (Tavares da Silva *et al.*, 2010; 2014). A ocupação residencial da restinga ter-se-á limitado à margem da baía, a menos insalubre, e seria caracterizada por pequenos núcleos dispersos de cabanas. A norte, a área pantanosa, marginada por vinhas e pomares, foi sendo progressivamente conquistada, até completa emersão, no século XIV (Duarte, Soares e Tavares da Silva, 2014).

2. Arqueologia preventiva

As acções de arqueologia preventiva promovidas pelo MAEDS no subsolo do centro histórico de Setúbal, porque integradas em projecto de investigação, e orientadas por inquérito cientificamente controlado, permitiram, como anteriormente referimos, identificar os escassos vestígios do Período Medieval Islâmico, materializados em estruturas negativas correlacionáveis com espaços habitacionais construídos em materiais perecíveis, raros pisos de habitat, estruturas de cais palafíticos e necrópole (Fig. 1).



Fig. 1 – Distribuição dos vestígios medievais islâmicos no subsolo do centro histórico de Setúbal: 1 - Rua Francisco Augusto Flamengo, 10-12; 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19; 3 - Largo da Misericórdia; 4 - Travessa da Portuguesa; 5 - Praça de Bocage/Loja Chiado; 6 - Ruas de Bocage/Augusto Cardoso (edifício da Vinícola/Benetton); 7 - Rua Vasco Soveral, 8-12; 8 - Avenida Luisa Todi 170-178; 9 - Edifício BCP (Av. Luisa Todi); 10 - Edifício Montepio (Av. Luisa Todi).

2.1. Núcleo residencial

Na Casa dos Mosaicos (Rua António Joaquim Granjo, 19) a ocupação islâmica estava representada por fossas-silo de planta subcircular, que se localizavam, muito provavelmente, no interior de cabanas, na sua fase inicial, enquanto estruturas de armazenamento; na fase de abandono foram utilizadas para depósito de lixos domésticos datados essencialmente dos séculos XI-XII. Das quatro fossas identificadas (Fossas E7, F7, G6 e L8) foram exumados 137 recipientes e/ou fragmentos com interesse tipológico, que correspondem a cerâmicas de uso quotidiano relacionadas com contextos domésticos; predominava a cerâmica comum, para além de um utilitário doméstico metálico (faca), de alguns complementos de artefactos de madeira (pregos) e de abundantes restos faunísticos (Duarte, 2018). A fossa F7 foi a que permitiu recolher maior quantidade de espólio cerâmico (92 exemplares) com NMI = 56, sendo as formas de cozinha (caçoila e panela) as mais representativas (Fig. 2). Do repertório da cerâmica de mesa, salientamos a presença de jarra com bordo direito e lábio convexo, de forma globular achatada com duas possíveis asas opostas, com a superfície externa pintada, a vermelho, por motivo fitomórfico junto do bordo e por banda pseudo-epigrafada

na extremidade superior do bojo, seguida por duas linhas pintadas (Fig. 3, n.º 3). Importa também mencionar uma tigela/taça com porção de parede oblíqua assente em fundo plano, ostentando composição decorativa pintada a castanho, no interior, cujo campo central está preenchido por motivo floral provido de pétalas (?); a parede mostra motivos fitomórficos e em ziguezague (Fig. 3, n.º 2). Estas peças, de carácter não local (Amaro, 2001; Gomes, 2011; Torres, 1987) revelam a integração da provável “aldeia de pescadores” da Setúbal islâmica nas redes comerciais do Gharb (Fernandes, 2005).

De entre os recipientes de armazenamento, destacamos uma talha completa recuperada na Fossa E7 que poderia conter tanto líquidos (água, azeite) como sólidos (cereais). O bordo possui espessamento externo de secção semicircular; o colo é curto, e cilíndrico; o bojo, ovóide, assenta em fundo plano. A superfície externa possui decoração constituída por três motivos serpentiformes pintados a branco no bojo (Fig. 3, n.º 4).

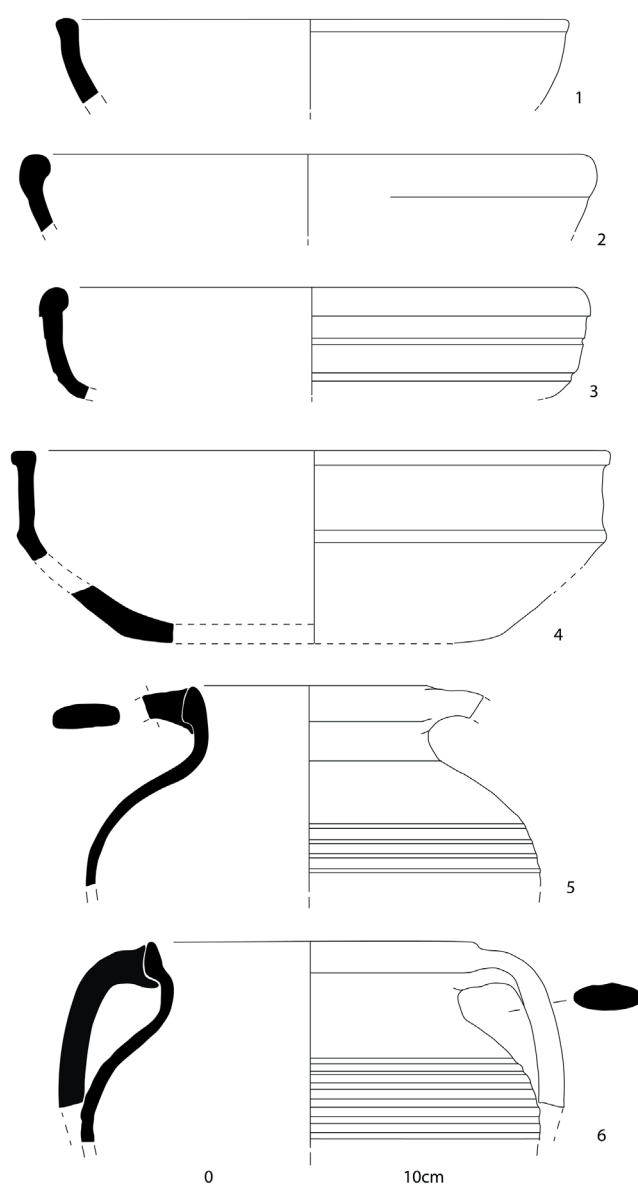


Fig. 2 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum proveniente da Fossa F7: 1 – tigela; 2 a 4 – caçoilas; 5 e 6 – panelas (Duarte, 2018).

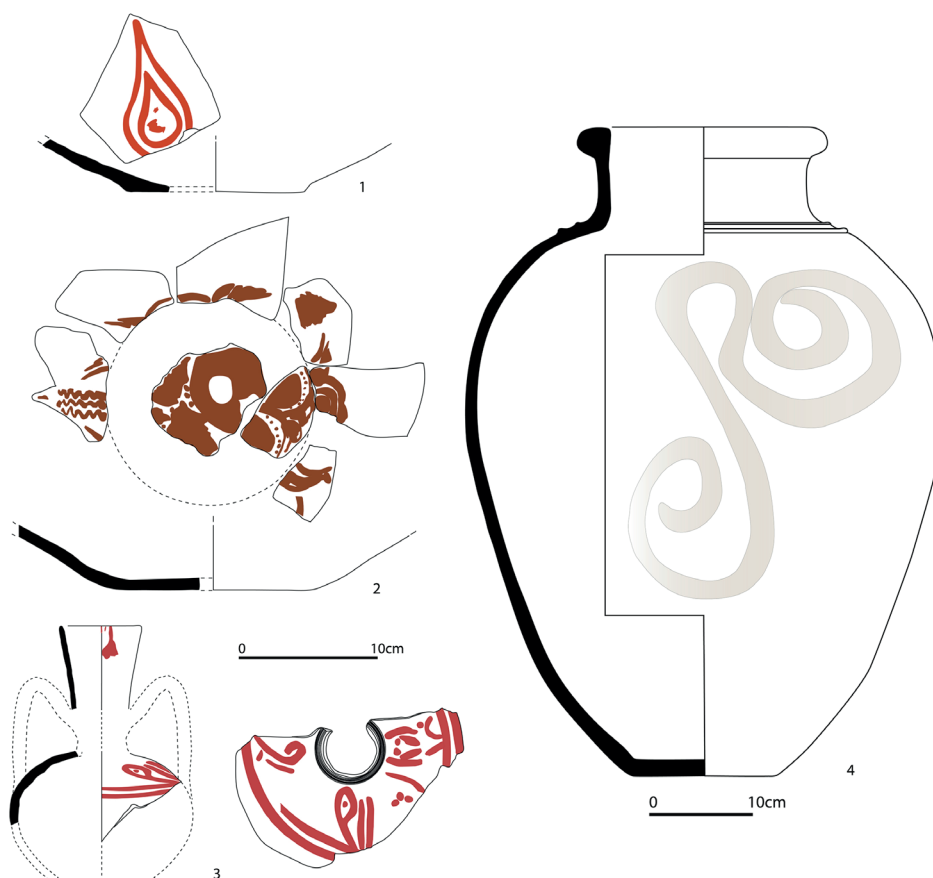


Fig. 3 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica pintada da fossa F7: 1 - prato; 2 - tigela/taça com composição de motivos vegetalistas; 3 - jarra com banda pseudo-epigrafada na parte superior do bojo. Talha (n.º 4) com pintura a branco de motivos serpentiformes proveniente da fossa E7 (Duarte, 2018).

Esta ocupação foi datada por radiocarbono, a partir de osso de *Cervus elaphus* (AUS.RAJG.4) proveniente do topo da Fossa F7, do segundo quartel do século XI a meados do século XII (Cal AD 1025-1165).

O estudo faunístico realizado por Cleia Detry (2018, pp. 229-242) mostrou que os invertebrados (bivalves e gastrópodes) detiveram lugar importante na dieta, com destaque para a ameijoia (*Ruditapes decussatus*), o que é compatível com a restante informação disponível. As espécies mamalógicas mais consumidas foram a ovelha e/ou cabra. O provável consumo de carne de porco neste período é assinalado por uma diáfise de úmero com marcas de corte por cutelo. A caça era também praticada (veado e coelho).

Na Rua Vasco Soveral, 8-12, em depósito de sedimentos coluvionares carregados de zonas de cota mais elevada (C. 6B), contendo materiais heterogéneos da Época Romana, foram abertas fossas preenchidas por lixos domésticos durante os séculos XI-XII (C.6A) com predomínio de cerâmica comum (Soares *et al.*, 2019).

Na Avenida Luisa Todi, 170-178, entre o final da Época Romana e o Período Islâmico parece ter ocorrido um episódio transgressivo; esta subida do nível das águas da baía levou à deposição da C.16 da Sond. C e à erosão de estruturas romanas (C.17 da Sond. C). Da C.15, constituída por sedimento areno-argiloso, de cor negra, intercalado por lenticulas de areia mais clara, foi exumada cerâmica datada dos séculos XI-XII (Soares, Duarte e Tavares da Silva, 2018).

Na Baixa de Setúbal (Praça de Bocage, Edifício Benetton) identificaram-se estruturas de habitat e vestígios artefactuais correlacionados com a existência de cabanas, como anteriormente indicámos.

No lote do Edifício Benetton, o perfil estratigráfico obtido na Sondagem IV (Fig. 4), realizada na metade sul, virada à antiga Rua dos Sapateiros, apresenta, na base da sequência estratigráfica, testemunhos de ocupação medieval islâmica com registo de fossas de detritos domésticos, escavadas nas areias de praia da restinga, e internamente revestidas por argila, o que parece indicar a sua integração em cabanas. A cultura material desse estrato aponta para uma cronologia dos séculos XI-XII (Fig. 5). Tenha-se presente que a restinga era limitada, na metade norte do lote, por área pantanosa para onde foram atirados lixos de actividades doméstica e agrícola, pelo menos até ao século XIV. A datação obtida através de amostra de turfa (Beta-160005), recolhida na C.12 da Sondagem II, localizada na metade norte do lote, forneceu cronologia do final do século VII ao final do século X (1200 ± 60 BP, calibração a 2 sigma: 680-980 cal AD). A C.10 da mesma sondagem, que antecedeu o momento de secagem do pântano, foi datada a partir de sedimentos carbonosos (Beta-160006) de 790 ± 100 BP, infelizmente com um elevado desvio-padrão, a que corresponde o intervalo cronológico de 1020-1400 cal AD (Soares, 2002).

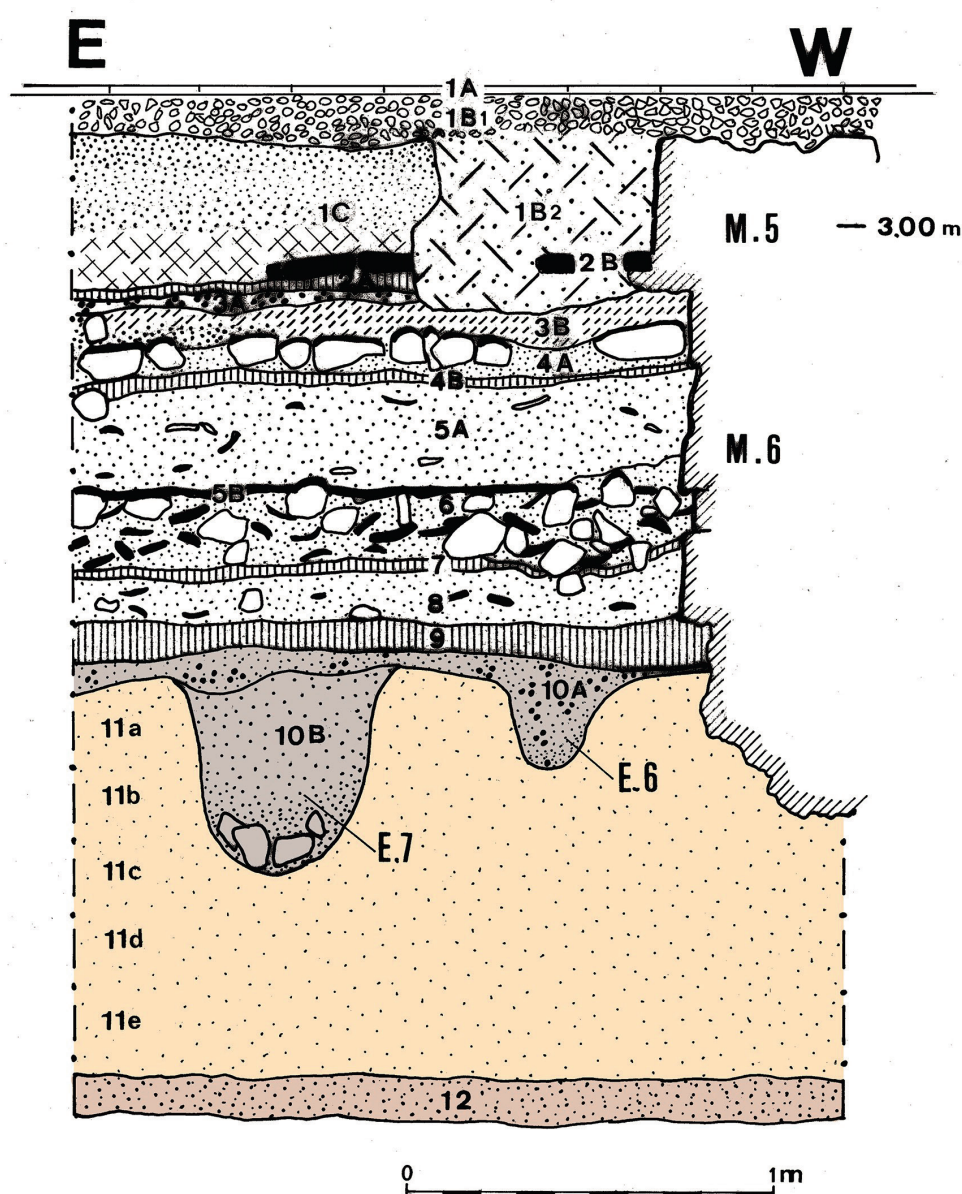


Fig. 4 – Edifício da Benetton. Perfil estratigráfico da Sondagem IV realizada na metade sul do lote. A C.10 corresponde à ocupação medieval islâmica e nela se registaram fossas de detritos domésticos escavadas nas areias de praia da restinga que atravessa o lote na direcção E-O (Soares, 2002).

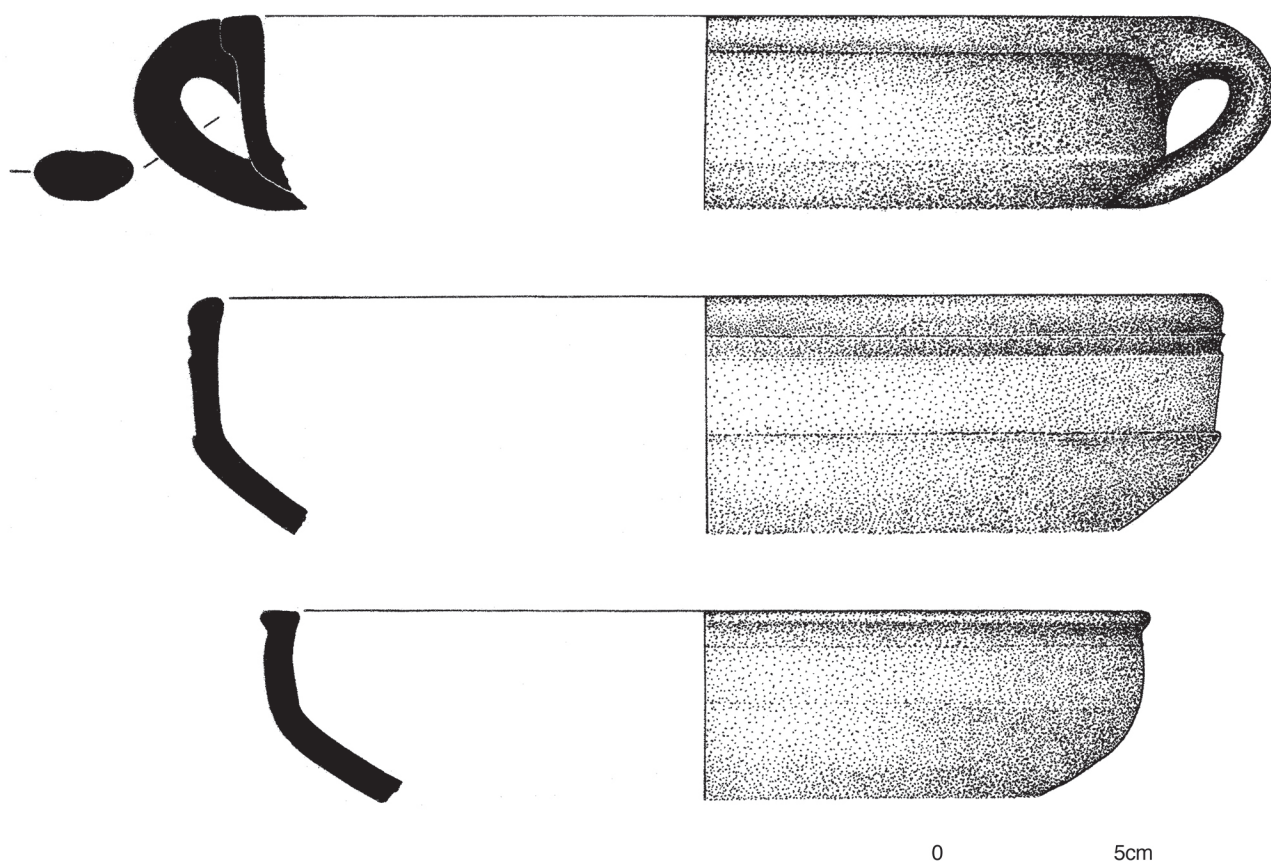


Fig. 5 – Edifício da Benetton. Cerâmica islâmica proveniente da C.10 da Sondagem IV (Soares, 2002).

Na Travessa da Portuguesa (adjacente ao Largo da Misericórdia), a presença islâmica foi identificada já na área de sapal, através de macro-restos vegetais (caules de videira e sementes de espécies frutícolas) e de análise palinológica das Cs. 14 e 15 (Fig. 6). A datação radiocarbónica, obtida a partir de caule de videira (ICEN-698), inscreve-se no intervalo de 1015-1213 cal AD, a 2 sigma (Soares, 2000). Os materiais exumados daquelas camadas indicam duas grandes fases, funcionalmente distintas, da ocupação medieval da margem da zona húmida, entre os séculos XI-XII e o século XIV. Assim, nos séculos XI-XII, o uso do solo na margem da área pantanosa teria sido essencialmente agrícola, caracterizado sobretudo pela cultura da vinha associada a pomares; no século XIV, a mesma área passou a uso urbano, talvez em resultado de dinâmica de crescimento demográfico ocorrida no Baixa Idade Média.

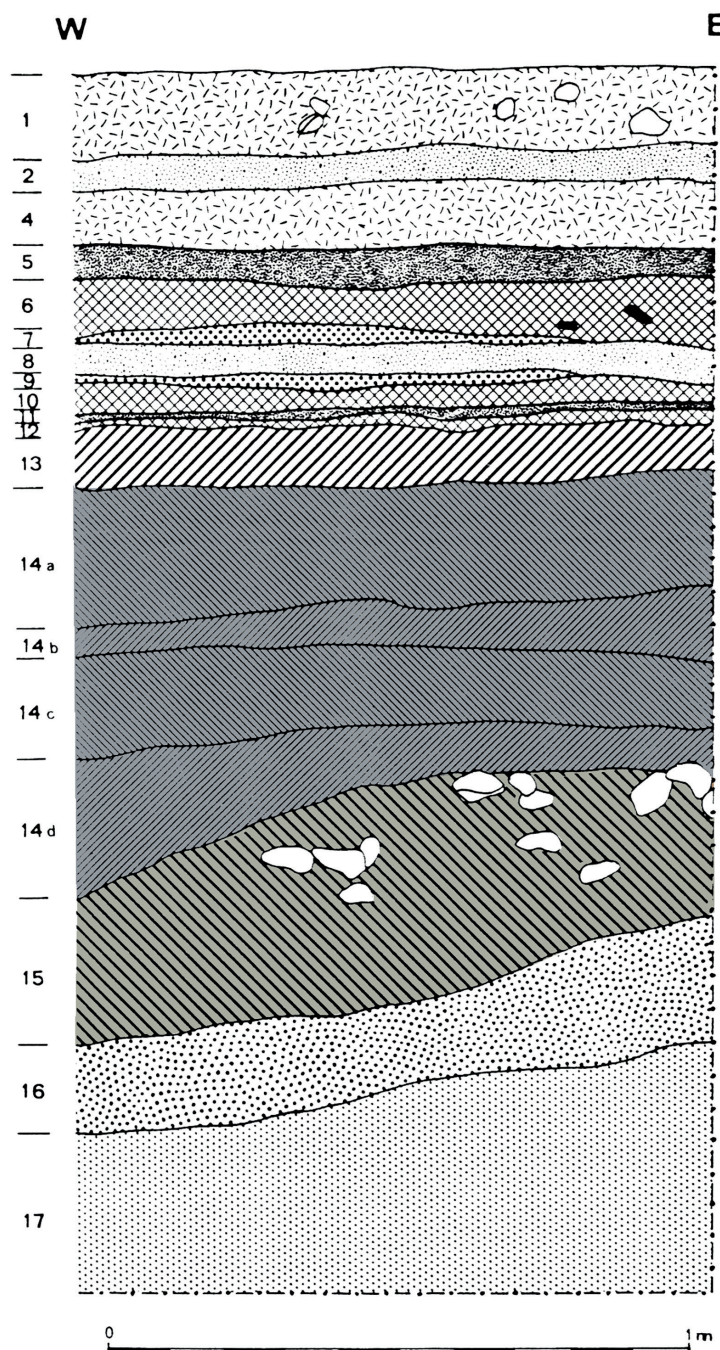


Fig. 6 – Travessa da Portuguesa. Perfil estratigráfico contendo na C.15, em depósito de sapal, macro-restos vegetais do período medieval islâmico, correspondentes a vinhas e pomares existentes na margem próxima. Na C.14, surgiram lixos domésticos do período medieval cristão.

2.2. Cais palafíticos

Estruturas de prováveis cais palafíticos, constituídas por alinhamentos de estacas de madeira de pinho, foram postas a descoberto na margem da baía (Avenida Luisa Todí, Edifícios Montepio e BCP) e do esteiro da Ribeira do Livramento (Rua Luís de Camões). Trata-se de estacarias (Fig. 7) anteriores à cerca muralhada afonsina e perpendiculares à linha de costa, datadas radiocarbonicamente dos séculos XI-XIII, aparentemente sem descontinuidades entre o medieval islâmico e o medieval cristão (Soares, 1997; 2000; Soares e Tavares da Silva, 2018a).



Fig. 7 – Avenida Luisa Todi. Estacaria de cais palafítico. Foto de arquivo MAEDS. (Soares, 1997).

2.3. Necrópole

Na organização funcional do espaço islâmico, a necrópole encontra-se, sistematicamente, no exterior da cidade dos vivos (Gonzaga, 2018). No caso vertente, foi identificada na vertente norte da colina de Santa Maria, na Rua Francisco Augusto Flamengo (Tavares da Silva *et al.* 2010; 2014). As fossas sepulcrais foram abertas nos níveis romanos (Fig.8). As inumações apresentavam características funerárias tipicamente islâmicas: deposição em decúbito lateral direito; orientação SO (crânio) – NE (pés); face virada para nascente; mãos junto à região pélvica; ausência de estruturação do interior da sepultura; ausência de espólio funerário; ausência de reutilização das fossas funerárias. A datação radiocarbónica (Beta-256936:1000±40BP) obtida para o inumado da sepultura 1 está compreendida entre os finais do século X e meados do século XII (calibração a 2 sigma: 980 a 1150 AD). Os valores obtidos para $\delta^{13}C$ e $\delta^{15}N$, respectivamente -17,4 (‰) e +11,6 (‰) indicam uma alimentação com elevada componente de proteínas de origem marinha.

O estudo antropológico, realizado por Ricardo Godinho, permitiu identificar a presença de 11 não adultos e 8 adultos. Nos indivíduos adultos, embora com algumas interrogações, foi possível determinar o sexo: 6 mulheres e 2 homens. Em termos paleopatológicos foram identificadas: patologia oral (desgaste acentuado, cáries, tártaro, perda *ante mortem* de dentição, periodontite e uma possível lesão periapical); indicadores de stress fisiológico: *cribra orbitalia*; patologia degenerativa articular (osteoartrose e nódulos de Schmorl) e não articular (diversas entesopatias no esqueleto axial); patologia traumática (fractura do rádio e ulna direitos, com redução completa, do indivíduo da sepultura 12) (Tavares da Silva *et al.*, 2014).

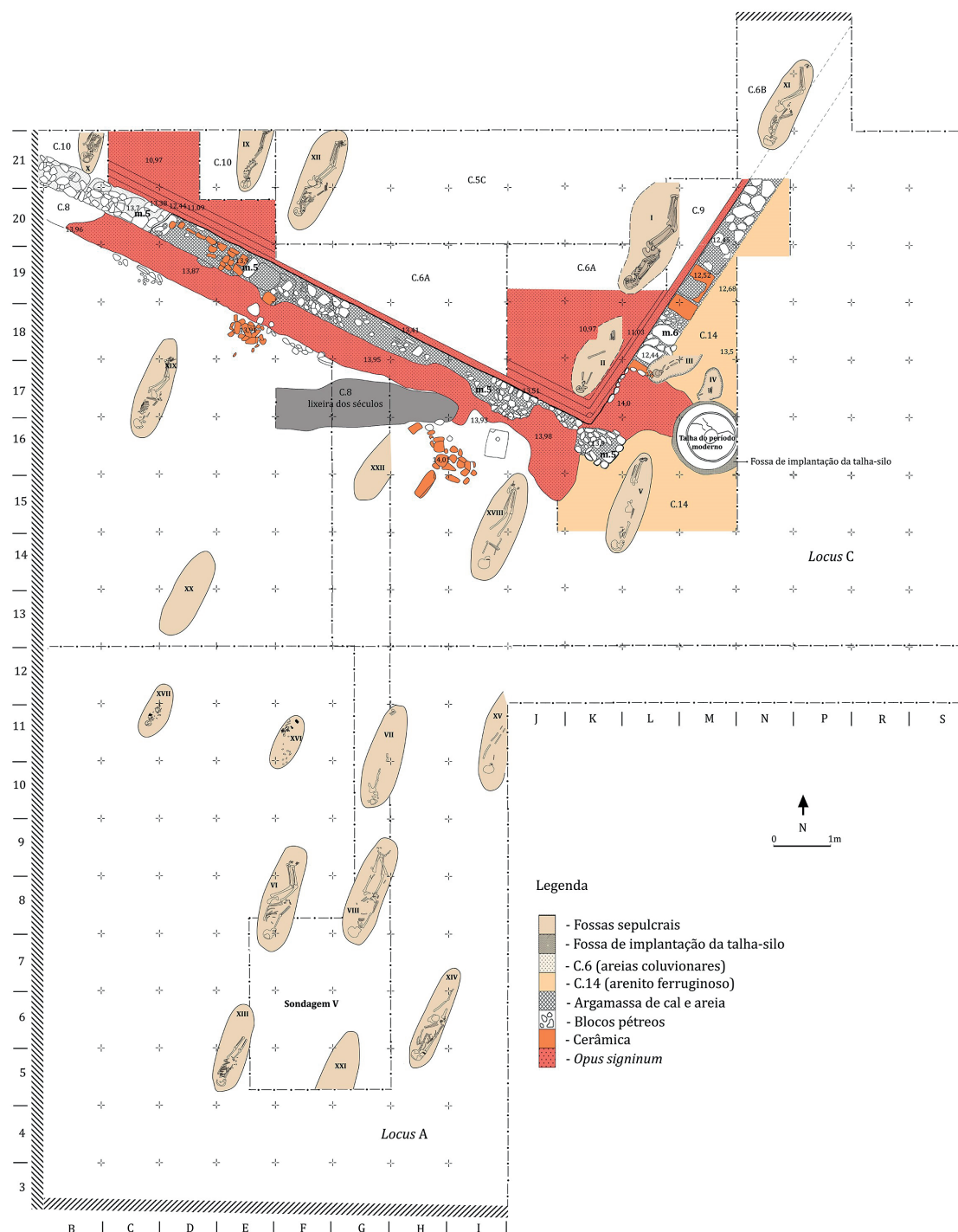


Fig. 8 – Rua Francisco Augusto Flamengo. Área escavada nos Loci A e C com estruturas do reservatório de água da Época Romana (Locus C) e sepulturas do Período Islâmico (Tavares da Silva *et al.*, 2010; 2014).

Em suma, a informação arqueológica sobre a Setúbal islâmica, embora não permita ainda discutir a sua integração na rede de povoamento regional (Fernandes, 2001; 2005; Gómez Martínez *et al.*, 2015), revela claramente a sua pertença a uma fase de desurbanização e de grande letargia do percurso histórico da cidade de Setúbal; a povoação adquire alguma visibilidade nos séculos XI-XII e, aparentemente sem grandes rupturas (?), prossegue pelo período medieval cristão, entrando, a partir dos finais do século XIII/inícios do século XIV, em um ciclo ascendente de desenvolvimento urbano.

3. Considerações finais

No centro histórico de Setúbal, desde a fundação do MAEDS, em finais de 1974, e do respectivo centro de estudos arqueológicos, têm-se desenvolvido *intervenções arqueológicas urbanas*. Não obstante o seu carácter aleatório, pois dependem da realização de obras públicas ou privadas marcadas por forte imprevisibilidade quanto à localização espacial e temporal, totalmente independente da actividade arqueológica programada, essas intervenções arqueológicas cedo integraram um projecto de investigação processado “segundo uma programação coerente e adequada, e apoiando-se em meios regulares e infraestruturas sólidas” (Gaspar, Lemos e Delgado, 1986, p. 28), projecto denominado *Preexistências de Setúbal* e cujo principal objectivo consiste no conhecimento da evolução da ocupação humana da actual cidade de Setúbal. Esta *Arqueologia Urbana de Projecto* tem proporcionado resultados francamente positivos, de tal modo que, apenas com base em intervenções de arqueologia preventiva, foi possível recuar a história de Setúbal de sete para vinte sete séculos, incluindo nesse devir a ocupação do Período Islâmico, até há pouco quase completamente desconhecida.

Porém, nos últimos anos, com a privatização da actividade arqueológica, ou seja, com o nascimento da arqueologia empresarial em cenário de desadequadas técnicas de enquadramento, o centro histórico de Setúbal começou a ser alvo de intervenções isoladas, desligadas de qualquer projecto de investigação, e cujos resultados não são, regra geral, publicados, portanto não validados pela comunidade científica. Embora o novo regulamento de trabalhos arqueológicos (Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de Novembro) pretenda, como se diz no preâmbulo, adaptar a legislação “ao cenário atual da arqueologia nacional”, o mesmo ignora o papel das entidades museológicas com centros de investigação, de carácter local e/ou regional, parceiros indispensáveis para boas práticas de arqueologia urbana, consistentes em termos científicos e patrimoniais.

A centralização do papel decisório nos processos de arqueologia urbana em um organismo do Estado, central, não partilhado com as entidades de investigação arqueológica e patrimonial que estão no terreno, tem permitido:

- A destruição dos arquivos do subsolo urbano a nível nacional, ao admitir que os mesmos sejam sistemática e “cegamente” escavados somente até à casuística cota de afectação das obras de renovação urbana, truncando inexoravelmente as sequências estratigráficas;
- A irremediável perda de informação e património por ausência de coordenação dos diversos agentes individuais ou colectivos, públicos ou privados que intervêm no mesmo sítio arqueológico: a cidade;
- A desvalorização da investigação arqueológica e patrimonial, nomeadamente desenvolvida pela arqueologia empresarial e a inibição de investimentos de renovação e reabilitação urbanas de que os nossos centros históricos tanto carecem, por morosidade burocrática inerente à excessiva centralização dos procedimentos administrativos.

Concluindo, pensamos que é urgente reformular o actual enquadramento jurídico-administrativo da arqueologia preventiva e respectivo regulamento, bem como promover as boas práticas da investigação arqueológica.

Bibliografia citada

- AMARO, Clementino (2001) – Presença muçulmana no claustro da Sé Catedral – três contextos com cerâmica islâmica. In *Garb – Sítios islâmicos do sul peninsular*. Lisboa: IPPAR, pp. 165-197.
- CARVALHO, António; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol Aires (2004) – *Alcácer do Sal Islâmica: Arqueologia e História de uma Medina do Garb Al-andalus (Séculos VIII-XIII)*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- DETRY, Cleia (2018) – Consumo de proteínas animais. Estudo arqueozoológico. In TAVARES DA SILVA, Carlos, ed. – *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal, pp. 229-242.
- DUARTE, Susana (2018) – Ocupação do Período Islâmico. In TAVARES DA SILVA, Carlos (ed.) – *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal, pp. 207-228.
- DUARTE, Susana; SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões n.ºs 38 e 40 (Setúbal) e o sismo de 1755. In *Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida* (Setúbal Arqueológica, 15). Setúbal, pp. 341-372.
- FERNANDES, Isabel Cristina (2001) – A Península de Setúbal em época islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto/Mértola. 7, pp. 185-196.
- FERNANDES, Isabel Cristina (2005) – Aspectos da litoralidade do Gharb al-Andalus: os portos do baixo Tejo e do baixo Sado. *Arqueologia Medieval*. Porto/Mértola. 9, pp. 47-60.
- GASPAR, Alexandra; LEMOS, Francisco Sande; DELGADO, Manuela (1986) – O salvamento de Bracara Augusta. Reflexões. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Setúbal, 1985). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 27-47.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina (2015) – A cidade e o seu território no Gharb al-Andalus através da cerâmica. In *Actas X Congresso Internacional - A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves: Câmara Municipal de Silves/Campo Arqueológico de Mértola, pp. 19-50.
- GOMES, Rosa Varela (2011) – *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos* (Trabalhos de Arqueologia, 53). Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- GONZAGA, Ana Raquel (2018) – *Arqueologia da Morte no Gharb “português”: almocavares e outros registos funerários*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/82307>.
- SOARES, Joaquina (1997) – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. *Arqueologia* 97. *Al-Madan*. Almada. Série 2, 6, pp. 164-165.
- SOARES, Joaquina (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 101-130.
- SOARES, Joaquina (2002) – MAEDS - Trabalhos arqueológicos: novas estratigrafias para a história de Setúbal. *Al-Madan*. Almada. Série 2. 11, pp. 250-251.
- SOARES, Joaquina; DUARTE, Susana; TAVARES DA SILVA, Carlos (2018) – Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal. *Musa, Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. Setúbal. 5, pp. 79-100.
- SOARES, Joaquina; FERNANDES, Lídia; TAVARES DA SILVA, Carlos; PEREIRA, Teresa Rita; DUARTE, Susana; COELHO-SOARES, Antónia (2019) – Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12. *Ophiussa*. Lisboa. 3, pp. 155-183.
- SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Setúbal, 1985). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 87-101.
- SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (2018a) – Introdução. Caetobriga: uma cidade fabril e polinucleada na foz do Sado. In TAVARES DA SILVA, Carlos, ed. – *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal, pp. 43-54.
- SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos (2018b) – Enquadramento paleogeográfico. In TAVARES DA SILVA, Carlos, ed. – *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Setúbal, pp. 43-54.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; COELHO-SOARES, Antónia (1980-81) – A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, pp. 249-284.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia; DUARTE, Susana; GODINHO, Ricardo (2010) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs 10-12. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. Setúbal. 3, pp. 165-178.
- TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia; DUARTE, Susana; GODINHO, Ricardo (2014) – Preexistências de Setúbal: 2.ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa, Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. Setúbal. 4, pp. 161-214.
- TORRES, Cláudio (1987) – *Cerâmica islâmica portuguesa. Catálogo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.